

DEPOIMENTO

Jesus Santiago Moure*

Vou dizer algumas coisas sobre os poucos anos com que eu convivi com o dr. José Loureiro Fernandes. Com ele participei da administração do Museu Paranaense nas décadas de 30 e 40, época em que a instituição foi reestruturada. Foi uma época, também, de muitas atividades de pesquisa. Em 1956 eu fui para os Estados Unidos e, com isso eu me separei quase completamente do Museu Paranaense e dos assuntos dele. Passei a me ocupar com a universidade.

Para os Estados Unidos fui como Professor Visitante. Na University of Kansas comecei meus volumes de apontamentos e notas sobre abelhas neotropicais. Ao voltar para Curitiba, continuei esse catálogo inicial das abelhas neotropicais até 1975.

Durante o ano e meio que estive na Universidade do Kansas participei da primeira tentativa de tirar o subjetivismo das classificações taxonômicas, quando foram lançadas as bases da Taxonomia Numérica. Posteriormente, desenvolvi programas para cálculo em computador para Taxonomia. Meu primeiro e primitivo computador veio dos Estados Unidos, em 1962, doado por intermédio da Rockefeller Foundation. Foi um dos primeiros a chegar em nossa universidade.

Recebi convite para ser professor contratado na Universidade da Califórnia. Recusei-o em atenção ao pedido a Fundação Rockefeller para que eu voltasse para Curitiba. Pedi, em recompensa, que a Rockefeller proporcionasse uma biblioteca para a nossa universidade. Foram doadas, então, várias coleções de revistas americanas e européias, colocando-nos ao lado da Universidade de São Paulo e do Museu Nacional nos campos da Zoologia e da Entomologia.

O dr. José Loureiro Fernandes foi uma espécie de alma dentro da sociedade paranaense por estimular uma porção de ações extremamente importantes. A mais importante, para qual ele contribuiu, foi a Universidade Federal do Paraná. Ele, o Flávio Suplicy de Lacerda e mais alguns outros entusiastas empenharam tudo que foi possível para que a Universidade do Paraná fosse criada e, realmente, ela passou a

* Professor Titular de Zoologia jubilado pela UFPR. Professor Senior da UFPR.

existir com a aprovação do presidente Getúlio Vargas. Nós passamos a ser uma universidade e uma universidade no sentido que se dava às universidades no mundo, ou seja, no sentido da universidade completa.

Quando nós nos comparamos com os outros países da América Latina, nós vemos nos outros países grandes universidades com mais de 200, 300, 400 anos. Aqui no Brasil a mais velha é a de São Paulo, de 1937, ou seja, muita gente que está neste Seminário nasceu antes de ser criada a primeira universidade brasileira completa. Nós tínhamos as chamadas faculdades que forneciam os cursos fundamentais para o movimento da sociedade brasileira, ou seja, a Medicina, o Direito e a Engenharia. Com a medicina tínhamos a possibilidade de cura, com o direito nós tínhamos a possibilidade de organização e com a engenharia nós tínhamos a possibilidade de fazer casas, estradas, prédios, enfim, as três fundamentais necessidades humanas já estavam satisfeitas nas universidades antigas. Eu nasci um pouco antes do nascimento da Universidade Federal do Paraná ou que ela nascesse como universidade em 1912; eu sou de novembro de 1912. De forma que, com o início desta universidade, passamos a ter uma possibilidade de desenvolvimento em outras áreas humanas extremamente importantes que tinham sido deixadas de lado nas universidades brasileiras antigas.

Eu não sei como está a organização das universidades agora, embora eu já tenha lecionado um pouco em algumas delas aqui na América do Sul e na América Central, principalmente do México, mas, no fim de conta, embora eles tenham universidades fantásticas como, por exemplo, a Universidade do México, com mais de 350 mil estudantes - vocês podem imaginar uma coisa dessas? Entretanto, é uma universidade com 350 mil estudantes. O cargo de Reitor é quase mais importante que o de Presidente da República, porque ele leva, por assim dizer, a nata da sociedade mexicana em suas mãos para o seu desenvolvimento, para o seu progresso. Evidentemente que, tendo uma universidade só, mais concentrada, é muito mais fácil ter todos os recursos do que nós temos em universidades esparsas.

Eu trabalhei muito com alguns ministros da Educação, no princípio, quando começaram a surgir as universidades brasileiras. Eu me lembro que, em uma das visitas que nós fizemos em uma universidade do nordeste, alguns dos professores não sabiam qual era o título da matéria que eles ensinavam. Vocês podem imaginar uma coisa dessas? Então, o ministro falou: - "Olha, aqui tem um padre, faça a confissão". Eles diziam que a universidade não seria implantada se eles não colaborassem. Por isso, um decidiu ensinar Botânica, um assunto que não lhe era familiar, porque ele era um médico. Mas era o

jeito de poder sair a universidade. Eles tinham reunido todas as pessoas de algum nível para poder tocá-la para frente.

Aqui o Loureiro fez muito diferente, principalmente junto ao Círculo de Estudos Bandeirantes, onde o meu professor padre Jesus Ballarin dava aulas de Filosofia. O padre Jesus Ballarin Carrera era espanhol e deu muitas aulas de Filosofia aqui no Círculo de Estudos Bandeirantes, lá pelos anos de 1933, 34, 35 etc... Tivemos alguns outros padres que deram aulas de Grego, aulas de Hebraico, ou seja, havia muito interesse naquele tempo nesse desenvolvimento. Então, surgiu a necessidade de que a universidade se completasse para que pudesse proporcionar ao povo paranaense as possibilidades que uma grande universidade oferece. É verdade que ainda nos faltam algumas coisas muito importantes. Em São Paulo, por exemplo, com um dos meus ex-alunos, dr. Worn Estevam Kem, fundamos a Fapesp. A Fapesp é uma instituição essencial, fundamental atualmente para o desenvolvimento da pesquisa e do ensino dentro do Estado de São Paulo. É uma sociedade que dispõe de muitíssimo mais dinheiro que o Conselho Nacional de Pesquisas e que todas as outras fundações lá da parte central do Brasil e, atende apenas ao Estado de São Paulo. Por isso, eles dispõem de verbas que nós nem podemos imaginar. Eu vi ontem, que os projetos aprovados têm 3 milhões de reais e mais um milhão de dólares. Ora, com uma verba dessa, a gente pode fazer alguma coisa, coisa que aqui nós ainda não chegamos a ter; a nossa pequena Fundação Araucária não pode, evidentemente, comparar-se com isso. Outros estados também estão sofrendo com essa carência. Vamos ficando um pouco para trás porque não há uma compreensão total e completa da necessidade da ciência no meio normal da vida humana e, sem ciência, nós não vamos para frente.

Agora alguns fatos daqueles tempos no Museu Paranaense, em que nós começamos bem, mas depois não conseguimos continuar. O dr. José Loureiro Fernandes e eu conseguimos a publicação dos *Arquivos do Museu Paranaense*. Os *Arquivos do Museu Paranaense*, da forma como foram concebidos, ainda são uma estaca dentro da terra do Paraná, representando um período de tempo em que realmente se dedicou a capacidade paranaense e a capacidade de alguns estrangeiros que aqui vieram como, por exemplo, Reinhard Maack, que publicou um volume inteiro sobre os arenitos de Vila Velha.

Lamento que isso tenha se perdido. Foi muito bem no princípio, mas não continuou. O Ralph Hertel, que trabalhou durante muito tempo na publicação de uma revista, a revista *Dusênia*, em homenagem ao grande botânico Per Karl Hjalmar Dusén, que passou aqui pelo Paraná e coletou uma porção de material e levou depois para a

Suécia. A *Dusênia* morreu, os *Arquivos do Museu Paranaense* morreram. Minha gente, vocês aqui são responsáveis pela ressurreição dessas revistas, dessas possibilidades de publicação e aparecimento no mundo. Nós aparecemos de muitas maneiras neste mundo. Mas, uma das maneiras mais nobres de aparecer é precisamente através da ciência. Os nossos pesquisadores, o João José Bigarella, por exemplo, têm que publicar muita coisa fora, em outras revistas, porque não temos as nossas. A universidade ainda não consegue manter as próprias revistas. Aliás, a universidade passa até necessidades sem poder, como aconteceu há poucos dias, pagar a luz que estava gastando. Ora, isso é uma coisa incompreensível; não se pode imaginar uma coisa dessas.

Eu, que percorri quase todos os principais museus da Europa, sei como esses assuntos são tratados por lá. A gente vê que eles têm interesse, inclusive, pelas nossas coisas, não só pelas deles. Nós, se pudéssemos cuidar das nossas coisas já teríamos feito um trabalho imenso. Então, por isso que eu digo, é necessário dar condições e prestigiar a universidade no nível que ela merece, como responsável pelo aparecimento desta pequena humanidade que nós temos aqui dentro do Estado. Nós temos que aparecer, não podemos ficar ocultos, temos uma missão a desempenhar perante a população simples, perante a população letrada, perante a população formada; não podemos ficar para trás como universidade. A idéia do Loureiro, na fundação da universidade, era essa de dar mais uma possibilidade ao povo paranaense para que ele começasse a aparecer no Brasil como tal. Nós já começamos como um pedaço de São Paulo; vamos ver se agora não ficamos para trás de São Paulo.

Como o tempo está extremamente avançado, não vou me estender sobre aspectos do Loureiro, quando ele nos ensinou. Com ele passei a viver uma vida um pouco mais externa ao convento, porque nós, os padres do Coração de Maria, uma congregação espanhola, temos uma regra bastante dura, que não nos permite sair de casa. O Loureiro, entretanto, possibilitou que vários dos nossos padres fossem professores da universidade, desempenhando cargos externos à congregação. Isto representou uma transformação ao longo de todos esses anos. Desde 1950, quando se formou a Universidade Federal do Paraná, até agora, muitas coisas foram transformadas. A Universidade Federal do Paraná tem influxo até dentro do convento. É uma realidade quase inimaginável, mas uma realidade para algumas pessoas do Paraná. Eu não sou nascido no Paraná, mas sou do Paraná em vida; eu estou vivendo aqui há quase 80 anos de forma que me considero paranaense. Comecei em São Paulo, é verdade, mas aqui estou

terminando a minha vida, terminando os meus trabalhos; é o que eu posso fazer para dar um nome ao estado em que eu vivo.

Resta dizer que o Loureiro me iniciou; pouco depois tive que separar-me para ir para os Estados Unidos. Na minha volta, nós não tivemos já tanto contato, porém eu fui sempre muito carinhoso com tudo aquilo que o Loureiro fazia, porque o Loureiro levava a alma, não só a dele, mas as almas dos outros a quererem ser um pouco mais do que simplesmente cidadãos paranaenses.

Muito obrigado.

